

**TEXTO INTERCOM 2010**  
**GT COMUNICAÇÃO E CIDADANIA**

**Prof. Dr. A. Efendy Maldonado<sup>1</sup>**

**“Operações transmetodológicas, produção de conhecimento e cidadania comunicacional”<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Apresenta-se uma proposta metodológica comprometida com a transformação sociocultural, a partir de experiências de investigação sobre processos midiáticos televisivos hegemônicos no contexto brasileiro. O objetivo é oferecer subsídios teóricos sobre a perspectiva *transmetodológica*, como também mostrar sua pertinência para enfrentar problemáticas transformadoras em comunicação. Explicita-se a estratégia e o procedimento de *videoconversa* como uma alternativa investigativa, que fortalece e amplia as possibilidades heurísticas e hermenêuticas de construção de cidadania investigativa comunicativa, oferecendo informações sobre sua lógica, componentes e realizações. Infere-se sobre as inter-relações mídias/públicos, verificando-se coincidências e distinções na produção simbólica a respeito de problemáticas cidadãs.

**Palavras-chave:** *videoconversa; transmetodologia; cidadania comunicacional; pesquisa em comunicação*

---

<sup>1</sup> Cientista social, pesquisador e professor do PPG Ciências da Comunicação -UNISINOS, 2000-2010; orientador de doutorado e mestrado. Doutor em Ciências da Comunicação, USP 1999; pós-doutorado Universidade Autônoma de Barcelona, 2004-2005. Coordenador Geral da Rede Temática: *Comunicação, cidadania, educação e integração na América Latina* (Brasil, Argentina, Venezuela e Equador/CNPq), 2009-2012; Coordenador do Projeto *Mídia e interculturalidade: estudo das estratégias de midiaticização das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Européia e do MERCOSUL*, 2007-2008 (CAPES-MECD). Coordenador do Grupo de Pesquisa PROCESSCOM (CNPq/CAPES/UNISINOS). Editor Geral da revista *Fronteiras/Estudos midiáticos*, 2006-2008. Investigador e Professor visitante Universidad Autônoma de Barcelona; Universidad Andina Simón Bolívar; UFPI; UPSQ; UNITINS, UCE, CIESPAL. Autor de livros e artigos de referência sobre teorias da comunicação na América Latina; epistemologia e metodologias em comunicação; problemáticas socioculturais e sociopolíticas em comunicação.

<sup>2</sup> Trabalho apresentado na GT Comunicação para a Cidadania, do X Encontro de Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, *Comunicação, cultura e juventude*, UCS, Caxias do Sul/RS, 2 A 6 de setembro de 2010.

## A dimensão metodológica

A premissa central que orienta esta argumentação é a de que para investigar problemáticas em comunicação, em termos científicos, precisam-se definir estratégias de confluência e confrontação múltiplas (MALDONADO, 2009). Os problemas/objeto em nosso campo têm uma configuração *multidimensional* que exige a formulação de projetos de investigação numa perspectiva multifocal e multimetodológica (MALDONADO, 2010; BONIN, 2010; LOPES, 2002). Isto é assim porque a realidade social e tecnológica das mídias contemporâneas estruturou intertextualidades e hipertextualidades multimídia que ampliaram e aprofundaram a complexidade dos *objetos empíricos comunicativos*. Não obstante, esse condicionamento *tecnocultural*, um olhar metódico sobre os processos e *objetos de referência* contemporâneos mostra a necessidade e a pertinência de estratégias múltiplas para pesquisar no campo.

Dos *micromeios* (jornais artesanais; pequenas produtoras audiovisuais; microempresas de comunicação; agências de comunicação alternativa; produtoras musicais; assessorias e consultorias populares; blogs jornalísticos; revistas de bairro, comunidades ou associações, etc.) aos *macromeios* (transnacionais da comunicação; redes nacionais e regionais; grandes empresas midiáticas; oligopólios multimídia) os desafios de investigação apresentam um conjunto de aspectos, contextos, componentes, elementos, relações, propriedades, dimensões e realidades que exigem o desenho de táticas e estratégias diversas para aproximar-se, observar, descrever, interpretar, compreender, analisar e interpretar os *objetos/problema* ou os *sujeitos/problema* nos processos comunicacionais.

Para ilustrar e refletir sobre estas vertentes e condições metodológicas retoma-se os desenhos de quatro pesquisas que realizamos entre os anos 2000 e 2008, no contexto do PPGCC-UNISINOS<sup>3</sup>, Rio Grande do Sul e do MIGRACOM da Universidade

---

<sup>3</sup> “Transnacionais da televisão Latino-americanas: as inter-relações Brasil América Latina apresentadas pela grande mídia televisiva”2000-2002; “Estruturações televisivas sobre América Latina nas redes Bandeirantes, SBT e Globo: Produtos midiáticos, estratégias e recepção”2002-2004; “América Latina midiaticizada: produtos televisivos e recepção/As configurações da TV Educativa e a Rede Record na construção audiovisual dos latino-americanos e a sua realidade sociocultural/As significações fabricadas pelos seus telespectadores sobre a região.”2004-2006; “Mídia e interculturalidade: estudo

Autônoma de Barcelona, Catalunha. São um conjunto de investigações que problematizaram processos de midiatização no âmbito ibero-americano, trabalhando em especial a concepção, estruturação e realização metodológica desses projetos. A *dimensão metodológica* assim tornou-se um foco central, tanto na pesquisa teórica para formular os desenhos metódicos, quanto na definição de recursos, estratégias, planos e atividades.

Nas quatro pesquisas o tempo dedicado a “*ascender ao concreto/real empírico*” foi significativo e extenso, a orientação epistemológica (MARX, 1977; BACHELARD, 1974; SARTRE, 1979) valorizou e qualificou os processos vitais de imersão nas realidades culturais do Rio Grande do Sul e da Catalunha, procurando existir intensamente nos aprendizados culturais, políticos, sociais e científicos. A confluência dos mundos da vida sociocultural e do trabalho científico tornou possível vivenciar meses em anos e anos em décadas, o *tempo lógico* das pesquisas foi num ritmo de aceleração expressivo que permitiu multiplicar o *tempo cronológico* da existência única e limitada. Essa experiência investigativa mostra que as temporalidades sociais podem ser ampliadas e qualificadas mediante processos de produção de conhecimentos que aceleram as existências de adaptação e reformulação sociocultural, configuram sensibilidades cognitivas produtivas e configuram competências epistemológicas fortalecedoras (BAUMAN, 2005; ZIZEK, 2006).

Uma orientação que surgiu a partir e no processo de realização dessas investigações foi a necessidade da pulverização da noção de *receptor* e *recepção*. Essas nomeações mostram-se redutoras, distorcendo a compreensão dos processos comunicacionais ao definir esquemas lineares de fragmentação dos elementos que constituem os processos de comunicação; impondo exterioridades mecânicas que impedem conceber as problemáticas comunicacionais como *multidimensionais*. Não é pertinente, nem produtivo, definir e pensar a comunicação como algo externo à configuração dos próprios sujeitos humanos, a espécie se estrutura historicamente fabricando *mediações simbólicas complexas* (LOTMAN, 2000), como a linguagem articulada. A dimensão comunicacional é uma *forma de vida* (WITTGENSTEIN, 1988), os seres humanos foram sendo constituídos mediante a fabricação de sistemas e conjuntos

comunicacionais cada vez mais complexos (sociobiológicos); simultaneamente forma inventando e construindo sistemas e conjuntos comunicacionais (socioculturais) que levaram à estruturação dos sistemas midiáticos industriais e eletro-eletrônicos e nas últimas décadas à configuração da dimensão comunicacional digital (CASTELLS, 2004; MALDONADO 2009).

As inter-relações sujeitos/comunicação são um nexo que permite refletir sobre a inter-relação investigativa *sujeitos/realidade* (POPPER, 1975; KUHN, 1987; SANTOS, 2001; NORRIS, 2006; MALDONADO, 2009) de vital importância para a pesquisa científica. De maneira direta afirmamos, de acordo com as epistemologias contemporâneas renovadoras e subversoras do modelo positivista hegemônico, que os **sujeitos são parte constitutiva da objetividade científica**, sem uma explicitação clara, sistemática e suscitadora do seu papel na produção de conhecimento, os efeitos ideológicos que nublam de maneira tecnicista, mecânica e materialista-vulgar o fazer investigativo proliferam. É um lugar comum acadêmico e jornalístico o esquema que separa o sujeito da *objetividade*.

Na pesquisa comunicacional com seres humanos, cidadãos, sujeitos históricos, mulheres e homens de nosso tempo, a concepção *estrutural funcionalista* (para citar a que tem maior penetração e expansão) que os concebe como *coisas* ou *objetos*, distorce o fato científico crucial de sua qualidade como produtores, geradores, fontes e criadores de saberes. É o que fomos constatando e aprendendo nas experiências de investigação em “*recepção*” nas duas últimas décadas<sup>4</sup>. Sem as pessoas comuns, problematizadas como telespectadores, leitores, radiouvientes e internautas não é possível produzir nenhum tipo de conhecimento relevante em comunicação. A comunicação não é externa a eles, nem aos pesquisadores; ela envolve num mundo de vida simbólico o conjunto sociocultural, todos estamos dentro de uma *dimensão comunicacional*, que tem entre seus componentes uma *midiosfera*, uma *semiosfera*, uma *tecnosfera*, uma *psicosfera* e um conjunto de formas de vida que configuram esse *ethos comunicacional*.

---

<sup>4</sup> No projeto sobre ficção seriada na ECA-USP entre 1995-1999, coordenado pela professora Maria Aparecida Baccega. Nos projetos sobre as inter-relações entre mídia e cidadãos na América Latina, Catalunha e Brasil entre 2000-2008.

Toda pesquisa de qualidade de relevância social transformadora *ascende ao campo* (MARX, 1977; MALDONADO, 2009), nunca *desce para o campo*, dado que considera o real/concreto como um habitat suscitador, gerador de saberes. Nesse ambiente os cidadãos, as pessoas estabelecem um compromisso de colaboração com as pesquisadoras ou pesquisadores; sem o estabelecimento desse vínculo e reconhecimento, os testemunhos, diálogos, conversações, reflexões, análises, opiniões são reduzidos a uma troca formal e superficial de palavras. Portanto a geração de idéias, pensamentos, informações e conhecimentos, requerem da participação inventiva, auto-analítica, crítica e questionadora de todos os participantes. Esse processo, quando transcendente e produtivo, não têm sujeitos ativos conhecedores (pesquisadores) e pessoas passivas (coisas) “informantes”. É assim que os processos de investigação, quando produzem conhecimento qualificado têm a confluência e confrontação de sujeitos/sujeitas em processos de aprendizagem comuns. A pesquisadora é pesquisada e o pesquisado assume papéis de indagador, produtor de informações e pensamentos. Na investigação comunicacional é uma falácia supor que só os profissionais da pesquisa estão produzindo conhecimento por si sós; basta lembrar o quanto aprendemos e necessitamos aprender das culturas populares, das culturas diversas no mundo para poder conceber e problematizar a comunicação.

Essas premissas orientam para à necessidade de formular, estruturar e desenhar estratégias, táticas e procedimentos que tornem possível a melhor e mais efetiva participação das pessoas, dos cidadãos, das tribos, dos grupos, das comunidades, das classes e das redes na investigação. Os desenhos metodológicos precisam abrir suas concepções e procedimentos para potencializar a liberdade comunicativa dos *sujeitos/problema*, inserindo-os em problemáticas objetivas, das quais serão parte central e definidora de sua *objetividade*.

### **Contribuições transmetodológicas da *videoconversa***

Conforme nossas argumentações sobre a perspectiva *transmetodológica* (MALDONADO 2002; 2009; 2010), verifica-se que as problemáticas comunicativas exigem uma confluência/confrontação *multimetodológica*, considerando seu caráter *multimidiático* e *hipertextual*, como também as amplas possibilidades de configuração que a comunicação digital torna possível (SILVEIRA, 2008; CASTELLS, 2004).

Contudo, essa necessidade de confluências, não é uma necessidade restrita ao digital, bem antes na pesquisa comunicacional com públicos surgiu a necessidade de trabalhar com várias perspectivas e procedimentos para articular os vários aspectos das inter-relações *públicos/mídia*. Não é pertinente, nem produtivo, separar os *produtos comunicativos* dos sujeitos frutivos dessas relações. Não é válido em termos de investigação sistemática separar os *conjuntos culturais* (signos) dos *cidadãos* que fruem, produzem significações, jogam, pensam, projetam, identificam, curtem ou simplesmente estabelecem contato com esses *programas, matérias, reportagens, enquadramentos, modelos, estilos, matrizes* ou indícios de ambientes de segurança ou entretenimento.

Foi a partir das carências, fragmentações e dicotomias constatadas nas chamadas *pesquisas de recepção*, que fomos percebendo, e continuação concebendo, a necessidade de desenhar alternativas metodológicas que tornem possíveis atravessamentos entre o *mundo da vida*, as *trajetórias comunicacionais*, os *sentidos* produzidos (existentes nas pessoas investigadas, em especial as suas *heterotopias*) e os *produtos midiáticos* em análise.

A *videoconversa* estruturou-se como uma alternativa *inter-comunicativa* entre *produtos televisivos, telespectadores e pesquisadores*, ela recolhe os aprendizados (obstáculos epistemológicos) (BACHELARD, 1974) em pesquisas de “*recepção*” (BONIN, 2010; MALDONADO, 2010), as experiências de trabalho em *comunicação popular e alternativa*, os conhecimentos produzidos pelas vertentes críticas transformadoras em comunicação (BRECHT, 1981; BAKHTIN, 1993; MATTELART, 2004; MARTÍN-BARBERO, 2008; MALDONADO, 2009) em especial o caráter subversor, problematizador, questionador e renovador das *culturas subalternas* na dinamização dos processos de mudança.

A conversação atravessada pelo vídeo televisivo valoriza, e potencializa o processo de produção de significações realizado pelos cidadãos investigados, em diálogo com o audiovisual editado e a equipe de pesquisa. A *videoconversa* organiza a produção de vozes e falas, orientando sua expressividade e representações para a análise de aspectos concretos sobre a produção midiática. Sistematiza, também, informações e conteúdos em termos de uma problemática real e, principalmente, *transforma aos participantes*

*nesses processos*, ensinando-lhes possibilidades de ação e pensamento, que estavam nas premissas ou nas dimensões psíquicas não-conscientes; como também que poderiam configurar-se no pensamento intuitivo ou na experiência concreta da pesquisa.

A *videoconversa* tem como antecedente metodológico o trabalho de *observação sistemática* sobre a produção comunicacional problematizada e, a partir dela, a formulação de procedimentos de registro, organização e edição, de acordo com o eixo lógico pertinente ao *problema/objeto* em questão. Esse é um longo e meticuloso trabalho de *observação* e a posterior *descrição sistemática* dos *objetos de referência*, que tornam possível a formulação de parte do *objeto empírico da pesquisa*, que será transformado e renovado na confluência e atravessamento com as vozes e significados gerados pelos interlocutores participantes na *videoconversa*.

Essa tecnologia de pensamento e ação investigativa não é uma técnica fechada, dado que exige um agir heurístico participativo dos pesquisadores e dos sujeitos/problema; ela se configura em cada novo processo e realização. Em termos formais tem um roteiro de atividade, programado de acordo com os blocos de perguntas geradoras da problemática de pesquisa. Exige a montagem de um conjunto de imagens/sons, editados de acordo com a temática e o eixo problematizador central. Demanda, simultaneamente, a instalação de condições de reflexão, diálogo, debate, registro eletrônico (câmeras, gravadores, monitores, microfones, telas, computadores) e trabalho investigativo eficiente.

Esse enquadramento produtivo, que pode ser instalado em diversos cenários institucionais, domésticos ou comunitários, deve ir construindo um ambiente facilitador/problematizador que suscite a expressividade oral e gestual dos interlocutores pesquisados. Familiaridade, confiança, segurança, sentido, cumplicidade, compreensão do processo de pesquisa são necessários para construir na marcha. A possibilidade real de que as manifestações, sentidos, representações e falas dos investigados correspondam a sua complexidade subjetiva e sociocultural, está dada por seu necessário reconhecimento e valorização das atividades de pesquisa, como também pela sua participação colaborativa e suscitadora na investigação.

A *videoconversa* solicita a participação de uma equipe de três, ou de mínimo duas pesquisadoras/pesquisadores. Uma *interlocutora/pesquisadora*, que tem a responsabilidade central pela formulação, organização, improvisação e realização das perguntas (definidas no roteiro e contudo incompletas, dado que sempre as vivências abrem possibilidades). Uma *observadora/pesquisadora*, que registra em papel (caderno de apontamentos), em gravador de áudio e em fotografia a realização da *videoconversa*. Uma *pesquisadora/observadora audiovisual*, que apresenta as imagens/sons selecionados e registra as reações e inter-relações da sujeita investigada em nexos com o produto audiovisual apresentado. Nesse conjunto, é importante assinalar que os três membros da equipe são coadjuvantes no processo, quem desempenha o papel central na *videoconversa* é a pessoa pesquisada, ela mediante sua participação oferece informações, sensibilidades, conhecimentos e formas culturais significativas na sua vida que serão processadas pelo projeto. A *videoconversa*, portanto é um processo de geração de conhecimentos, no qual os pesquisadores procuram inserir-se na lógica, na emotividade, na cultura das investigadas e, ao mesmo tempo, aprender e produzir conhecimento renovado sobre a problemática trabalhada.

Uma propriedade da *videoconversa* é a sua pertinência para suscitar *autoconhecimento*. Isso é possível porque configura um ambiente de *auto-análise* coletiva, tendo como centro a pessoa pesquisada, concentrando esforços na compreensão e interpretação dos seus hábitos, valores, crenças, modos, estilos, tons, manifestações, gestos, posturas e conteúdos. A *videoconversa*, simultaneamente, ao realizar esse exercício colocando em problematização interna as subjetividades dos participantes mexe com o conjunto e renova possibilidades cognitivas e sensitivas. Quando uma cidadã ou cidadão comentam e conversam sobre as tragédias e alegrias de suas vidas, uma equipe séria e sensível se transforma: aprende, sofre, questiona, fixa novas orientações, observa aspectos não considerados anteriormente, percebe novas hipóteses, desmonta outras; afina os olhares e as escutas para complexidades ampliadas e aprofundadas. A *videoconversa* constitui-se numa alternativa prolífica de questionamento de vidas e vivências, contribuindo desse modo a uma possível qualificação das existências.

A *videoconversa* se prolonga na estruturação de documentos auditivos e escritos (transcrições), dado que parte de sua realização e complexidade está registrada de maneira organizada e efetiva pela equipe de trabalho. Esses materiais são a base de

futuras reflexões, análises, pesquisas, comparações, inferências, hipóteses e problematizações. A dimensão *hermenêutica* da pesquisa será enriquecida por esse referente de conhecimento, tanto em nível empírico quanto teórico.

Cabe salientar que o respeito pelos cidadãos pesquisados obriga às equipes a incluir suas falas e pensamentos como elementos constituintes dos documentos e relatórios científicos. É necessário terminar com o vício intelectual, aristocrático e etnocêntrico, que cita só aos intelectuais, em especial aos renomados, deixando fora aqueles cidadãos que brindam sua vida, saberes, sentimentos, formas de existência para nutrir a investigação. Essas pessoas têm que ocupar um lugar central nas pesquisas, suas vozes e pensamentos devem ser citados, interpretados e reconhecidos na argumentação central das investigações. A *videoconversa* oferece assim um *espaço/tempo* e documentos nos quais os investigados (das) são relevantes para a produção de conhecimentos.

### **Confluências e perspectivas de cidadania comunicacional**

A reflexão epistemológica unida a realização de pesquisas comunicacionais empíricas permite vislumbrar possibilidades instigantes de mudança social, educativa e investigativa. A secular dicotomia entre teoria e prática, entre pensamento e ação e entre saberes e fazeres é profundamente questionada na investigação comunicacional com sujeitos/sujeitas em inter-relação contínua, forte e contraditória com as culturas midiáticas. De fato, na realização concreta das pesquisas constata-se a capacidade dinâmica dos *públicos* para lidar com as mídias, pensando, sentindo e repensando a produção midiática. Sujeitando-se a esquemas de significação midiática redutores do real e da humanidade e, simultaneamente, subvertendo outros, resistindo e negando as propostas hegemônicas a respeito do real.

As significações sobre a *alteridade*, os *outros*, os *diferentes*, os *excluídos*, os *migrantes*, os *estranhos*, os *parias* e todo tipo de pessoas construídas simbolicamente como *alienígenas* pelos meios (BAUMAN, 2005; ZIZEK, 2006); descobre-se um distanciamento salutar em especial nas significações produzidas sobre as classes populares e os migrantes; se bem se conservam alguns conteúdos e formas ideológicas

de rejeição dessas alteridades; verifica-se, também, uma posição mais tolerante e em ocasiões até solidária como as *alteridades* (ZIZEK, 2003). A mídia comercial coronelista não consegue impor o conjunto de seus preconceitos e distorções, a postura dos públicos pesquisados sobre América Latina, por exemplo, é significativamente mais tolerante, dialógica e valorizadora que a postura das vozes oficiais da mídia comercial hegemônica.

A perspectiva *transmetodológica* que argumenta a favor da confluência de procedimentos e concepções mostra-se produtiva, formadora e reflexiva, fortalecendo os aprendizados metodológicos em níveis diversos da *iniciação científica* ao *pós-doutorado*. No caso da *videoconversa* são necessários procedimentos metodológicos de *observação, sistematização, registro, edição e análise audiovisual* (para problematizar o produto); esses se combinam com procedimentos de *entrevista comunicacional em profundidade* (para problematizar as sujeitas/sujeitos) y para complementar a investigação se trabalham *procedimentos de transcrição, análise hermenêutica em profundidade e formulação de inferências* a partir das confluências e conflitos teórico-metodológicos problematizados.

O aprendizado coletivo da pesquisa (*produção colaborativa de conhecimento*) na *videoconversa* desestrutura hierarquias acadêmicas e intelectuais formais autoritárias, organizando e orientando a participação dos sujeitos/sujeitas de modos diversos, o que permite a manifestação e aperfeiçoamento de seus talentos, competências, habilidades e técnicas.

A combinação de processos de investigação com diferentes origens e potencialidades na *videoconversa* exercita o pensamento transdisciplinar, evitando engessamentos investigativos burocráticos, mostrando a riqueza e a força da inter-relação dialética em pesquisa comunicacional. Estabelecendo nessa trilha experiências de produção científica além do campo da *ciência normal* (POPPER, 1975; KUHN, 1987; WITTGENSTEIN, 1988; NORRIS, 2006) e configurando rupturas epistemológicas que tornam possível a *convergência de conhecimentos* entre sabedorias populares e conhecimento científico. Uma múltipla *ruptura epistemológica* que favorece ao conjunto da sociedade, permitindo o fluxo de conhecimentos entre saberes sistemáticos

e bons sentidos (MARX, 1977; BACHELARD, 1974; BAKHTIN, 1993; CERTEAU, 1994; GUINZBURG, 2001; MALDONADO, 2009).

A experimentação sistemática e a sistematização das intuições (MALDONADO 2002, 2009) na *videoconversa* se configura como concepções, planejamento, programação, realizações, improvisações, mudanças, reformulações organizadas por uma problemática concreta. Estrutura-se assim uma *experiência pensada e metódica* que abre um *espaço/tempo* investigativo no qual as lógicas formais, intuitivas e paraconsistentes têm cabida, e geram conjuntos de significações relevantes para pensar *comunicações alternativas*. A *videoconversa* em si mesma é um tipo de *comunicação produtiva para o conhecimento*, que subverte os modelos tradicionais de fazer científico (BATESON, 2006; EAGLETON, 2003).

A configuração de nexos na *videoconversa* entre o *mundo do pensamento científico* e o *mundo da vida* (SANTOS, 2001), em perspectiva cidadã transformadora, problematiza o campo científico ao torná-lo promíscuo, misturado com a lama, a beleza, as alegrias e dores da vitalidade humana simples e comum. De modo concomitante problematiza a *vida cotidiana* dos campos sociais subalternos ao provocá-los com experimentos e idéias que desmontam e questionam alguns de seus *habitus, matrizes e modelos* de vida.

O desafio do teórico, letrado, axiomático e erudito transformador é colocado em várias dimensões; por uma parte na necessidade de lapidação dos conhecimentos da equipe que pesquisa (BONIN, 2010) e, por outro, na provocação sensitiva, intelectual e investigativa que a pesquisa exerce sobre os participantes nela, cidadãos e cidadãs que ao entrar em inter-relação produtiva com a investigação mudam suas posturas e pensamentos sobre o *trabalho intelectual* e valor das pesquisas para a vida social (MALDONADO, 2010). Em países como o Brasil, e os outros de América Latina, a *ciência, as letras, as tecnologias do conhecimento e o trabalho intelectual* estão restritos a uma pequena fração da população; quebrar e questionar essa situação e essa lógica é uma necessidade básica de transformação (MATTELAR & MATTELART, 2004).

A capacitação, aprofundamento e ampliação de conhecimentos sobre os processos comunicacionais no conjunto das sociedades, estados e regiões precisa situar-se e conceber-se como um direito humano básico. Em sociedades que se pretendem de

*informação, conhecimento e emergência* não é adequado reproduzir os vícios do positivismo cientificista que reduz a vida a *lucro monetário e instrumentalismo tecnológico*. A cidadania comunicacional tem como um de seus alicerces a *cultura investigativa democrática*, nela devem confluir saberes especializados e milenares, talentos intuitivos do mundo da vida contemporâneo e filosofias da mudança (SARTRE, 1979; MILLS, 1995; SANTOS, 2001; ZIZEK, 2006; MARTÍN BARBERO, 2008; MATTELART, 2009; MALDONADO, 2009). Desenhos de trabalho que situem a pesquisa como eixo central de capacitação e fortalecimento dos movimentos sociocomunicativos e científicos. A *videoconversa* insere-se nessa perspectiva política epistemológica e abre possibilidades para a experimentação reconstrutora da sociedade e do pensamento.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 1974.

BATESON, Gregory. **Una unidad sagrada/pasos posteriores hacia una ecología de la mente**. Barcelona: Gedisa, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas/La modernidad y sus parias**. Barcelona: Paidós, 2005.

BONIN, Jiani Adriana. “La mediatización de las identidades culturales en los procesos de recepción: proposiciones teórico-metodológicas y constataciones empíricas”. In Pereira, A.; Maldonado, A.E. (org.) **La investigación de la comunicación en América Latina**. Quito: FACSO-UCE, 2010, p. 97-124.

BRECHT, Bertold. “Teoria de la radio (1927-1932)”. In: Lluís Bassets (ed.). **De las ondas rojas a las radios libres: Textos para la historia de la radio**, Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia Internet/ Reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano/ 1. Artes de fazer*. Petrópolis,RJ: Vozes, 1994.
- EAGLETON, Terry. **Después de la teoría**. Barcelona: Randon House Mondadori, 2005.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes/O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- KUHN, Thomas. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva. 1987.
- LOPES, M. Immacolata.. et al. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.
- LOTMAN, Yuri. **La semiosfera III- Semiótica de las artes y de la cultura**. Valencia/España: Universidad de Valencia, 2000.
- MALDONADO, A. Efendy. “La investigación de la comunicación en América Latina y las estrategias transmetodológicas para su avance epistemológico y socioeducativo”. In: Pereira, A; Maldonado, A.E (org.) **La investigación de la comunicación en América Latina**. Quito: FACSO-UCE, 2010, p. 19-38.
- , “La perspectiva transmetodológicas en la coyuntura de cambios civilizatorios a inicios del siglo XXI”. In: Fernández, A.; Maldonado, A. E. (org.) **Metodologías transformadoras: tejiendo la red en comunicación, educación, ciudadanía e integración en América Latina**. Caracas: CEPAP-UNESR, 2009, p.13-54.
- \_\_\_\_\_. Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica, In **Revista Ciberlegenda**, num.9, ano IV, 2002 ([www.uff.br/ciberlegenda](http://www.uff.br/ciberlegenda)).
- MARTÍN BARBERO, Jesús. *Comunicación y culturas en América Latina*. In: J. Martín Barbero, **Revista Anthropos/Huellas del conocimiento**, N° 219, 2008.
- MATTELART, Armand. **Un mundo vigilado**. Barcelona: Paidós, 2009.
- MATTELART, Armand. e MATTELART, Michèle. **Pensar as mídias**. São Paulo: Edições Loyola; 2004.
- MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da Economia Política**. 5ª ed. Lisboa: Estampa, 1977.
- MILLS, C. Wrigh. **La imaginación sociológica**. Santiago/Chile: Fondo de Cultura Económica, 1995, 237p.

NORRIS, Christopher. **Epistemologia, conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

POPPER, K.R. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 12ª Ed. Porto: Afrontamento, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de la razón dialéctica (Libro 1)**. 3ª ed. Buenos Aires: Losada, 1979, 488p.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. “Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública”. In PRETTO, Nelson & SILVEIRA, Amadeu (Org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador:EDUFBA, 2008, p. 31-50, disponível em (<http://www.scribd.com/doc/5456956/Alem-Das-Redes-de-Colaboracao-Sergio-Amadeu-e-Nelson-de-Luca>).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigaciones filosóficas**. México-Barcelona: UNAM-Crítica, 1988, 549p.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do Real**: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2003.

----- . **Arriscar o impossível: conversas com Zizek**. São Paulo: Martins, 2006.

